

3 de Novembro
Auditório Orlando Monteiro
Instituto Nacional para a
Reabilitação

Conferência final

Projeto CareChild

Licenças Parentais, Desigualdades Sociais e
Bem-Estar Infantil





SESSÃO 2

Licenças Parentais e Bem-Estar Infantil

Apresentação: Ana Rita Monteiro, ICS-ULisboa

Moderação: Teresa Leão, EPIUnit-ISPUP

Comentário: Dra. Bárbara Menezes, Direção-Geral da Saúde



Conferência final Projeto CareChild

3 de novembro de 2025

Licenças Parentais, Desigualdades Sociais e Bem-Estar Infantil

DAR VOZ ÀS FAMÍLIAS: O DESAFIO DE CUIDAR NAS MARGENS DO SISTEMA DE LICENÇAS PARENTAIS

Oradora:

Ana Rita Monteiro

ICS-ULisboa

Metodologia

No âmbito deste estudo, realizámos 16 entrevistas semiestruturadas a pais e mães com vínculos laborais precários (ex. contrato a prazo, recibos verdes ou trabalho não declarado), com pelo menos um filho até aos 6 anos de idade.

O objetivo destas entrevistas foi compreender de que forma as condições laborais influenciam as experiências de parentalidade e o acesso às licenças parentais.

Metodologia

Guião de entrevista

- Situação Profissional e Licenças Parentais
- Situação Familiar
- Impacto do Nascimento na Vida Profissional
- Cuidados Parentais e Divisão dos Cuidados
- Soluções de Apoio Formal e Bem-Estar Infantil
- Políticas Públicas e Mercado de Trabalho

Variável	Categorias	Resumo dos Casos
Condição perante o trabalho	Trabalha – 13 Desempregado(a) – 3	Majoria empregada, ainda que em vínculos precários
Tipo de vínculo contratual	Contrato a termo certo/incerto – 7 Recibos verdes / independentes – 5 Bolsiros – 2 Desempregados – 2	Elevada diversidade; prevalência de vínculos não permanentes
Idade do/a entrevistado/a	25–34 anos – 6 35–44 anos – 7 45+ – 3	Idade média: 36 anos
Idade do filho/a (referente à licença)	< 1 ano – 2 1–3 anos – 7 4–6 anos – 7	Majoria refere-se a filhos entre 1 e 6 anos
Escolaridade	Ensino básico/secundário – 7 Licenciatura – 5 Mestrado/Doutoramento – 4	Entrevistados com percursos diversos
Nacionalidade	Portuguesa – 9 Estrangeira – 7	Amostra multicultural
Situação familiar	Mulheres em casal – 7 Homens em casal – 5 Mulheres monoparentais – 4	Diversidade de configurações familiares
Tipo de licença	Inicial não partilhada – 8 Inicial partilhada – 2 Alargada (regime parcial) – 1 Exclusiva mãe/pai – 3 Não elegível – 2	Prevalece o usufruto não partilhado; subsídios frequentemente insuficientes
Duração média da licença	4–5 meses (mãe) 15–35 dias (pai)	A partilha é rara; predomina o gozo pela mãe



**RETRATO
SOCIOLOGICO:
Mulher a viver em casal**

“EVA”

25 anos, vive em Lisboa com o companheiro e duas filhas (1 e 7 anos). Ela e o companheiro são de Cabo Verde; a filha mais velha nasceu lá e a mais nova em Portugal. Eva gozou 1 mês de licença antes do parto e 4 meses após. Ambos têm 12.º ano e trabalham com contratos a prazo: Eva como cuidadora doméstica de idosos e o seu companheiro como pintor da construção civil. Antes do nascimento da filha mais nova, Eva acumulava este trabalho com um emprego em limpezas. A filha mais nova entrou na creche antes dos 4 meses.

A licença parental e a entrada na creche

“Fizemos candidatura [para a Creche Feliz]. Quinze dias antes de eu voltar a trabalhar, ela começou a ir à creche... Foi complicado deixar ela na creche. Sentia-me mal, às vezes achava que não era uma boa mãe, mas tinha que ser, porque também tinha que trabalhar para pagar as contas. (...) No cenário ideal, eu acho que seria um ano [de licença].”

“A licença para amamentar que eu não tive. O horário de trabalho deveria incluir aquela hora a que tenho direito, e também o direito aos subsídios, que nem sempre os patrões cumprem.”

A rede de apoio

“Nos primeiros meses, o meu marido foi trabalhar porque não podia – eu expliquei que ele não tinha contrato – não podia ficar sem trabalhar para não perder o trabalho. Depois a minha irmã, que veio de Cabo Verde e ficou comigo em casa por um mês.”

“Os meus pais estão em Cabo Verde. (...) Eu tenho cá duas irmãs e tenho a minha cunhada e a minha sobrinha. moram longe de mim, mas às vezes, quando eu preciso, eles têm sido um apoio.”

Cuidados parentais e conciliação

“Eu é que saio mais tarde e chego mais cedo. Eu é que faço tudo com as crianças e em casa. Às vezes ele [companheiro/pai] dá comida à filha, pega no colo, brinca com ela, até costuma dar banho enquanto eu estou a fazer o jantar. Eu gostaria que fosse diferente, que o marido tivesse mais tempo para dividir o cuidado da mesma forma que eu.”

“Eu não tenho tempo o suficiente. Tenho que aguentar tudo para ir tudo bem, mas não quer dizer que esteja tudo bem comigo. Às vezes nem tenho tempo para mim, estou a coordenar o trabalho, a casa e os filhos.”

“Eu normalmente não falto trabalho, porque depois fico sem ser paga. Por isso [em caso de doença] levo a menina para o trabalho.”



**RETRATO
SOCIOLÓGICO:
Situação de monoparentalidade**

“MARTA”

39 anos, doutorada e professora universitária, é mãe solteira de uma menina de três anos e quatro meses. Exerce funções precárias como professora auxiliar convidada, com contratos anuais ou semestrais, enfrentando instabilidade financeira. O pai, artista independente de 41 anos, não partilhou a licença parental nem se envolveu nos cuidados, pelo que apenas Marta gozou a licença inicial não partilhada (4 meses). O casal separou-se cinco meses após o nascimento da filha. Com uma rede de apoio reduzida, Marta recorre a uma babysitter (200€/mês) e à ajuda ocasional da mãe, que vive em França. A filha frequenta uma creche gratuita desde os sete meses.

A licença parental e a entrada na creche

“O pai não quis exercer a dele. (...) Achava que o papel da mãe era ficar com o bebé.”

“A minha filha entrou para a creche com 7 meses. (...) Foi gratuita, tive esta sorte, nasceu em 2022 e houve a alteração legislativa. (...) O processo de inscrição para a creche foi difícil porque o pai não queria que ela fosse inscrita. Só depois da separação é que corri todas as creches e encontrei vaga.”

“Idealmente, a licença devia durar 7 meses. Há um lapso entre os 4 meses da licença e a idade razoável para entrar na creche. (...) Acho que os dois pais deviam estar em casa 5 ou 6 meses.”

A rede de apoio

“Não tenho família por aqui. O pai da minha filha não quer ajudar, faz o mínimo, está com ela dois fins de semana por mês. A minha mãe vive em França, vem quando pode. Já aconteceu vir a correr quando eu estava super aflita.”

“Tenho uma *babysitter* que vai buscá-la uma ou duas vezes por semana à creche, mas isto tem mais a ver com a minha necessidade de fazer mais coisas além da vida de mãe e professora.”

Cuidados parentais e conciliação

“Houve várias situações em que tive de levar a minha filha para as aulas. Fiquei com receio que algum colega me visse e que isso pudesse prejudicar-me. Sabe o que é dar uma aula com uma filha de 3 anos nos braços? (...) Um dia em que cheguei à creche e estavam e estavam em greve. Não tive hipótese. (...) Ela fez sujou-se, não levei nem toalhetas, nem fraldas. Tivemos de ir para casa. Interrompi a aula.”

“O pai não ajudava em nada (...) A única forma de escapar era obrigá-lo a ficar com ela duas vezes por semana enquanto eu ia fazer desporto. Acho que os pais podem cuidar exatamente da mesma forma que as mães. A diferença é cultural, não biológica.”

A family of five is walking away from the camera in a field of tall grass. The father is on the left, holding the hand of the mother on the right. The mother is carrying a baby on her back. Two young girls are walking on either side of the parents. The scene is set against a bright, hazy sunset sky.

**RETRATO
SOCIOLÓGICO:
Homem a viver em casal**

“FRANCISCO”

36 anos, licenciado em Turismo, vive em Peniche com a esposa, de 37 anos, e a filha de cinco. É motorista de autocarros com contrato a prazo, enquanto a esposa trabalha em consultoria a partir de casa, maioritariamente à noite. Para conciliar a vida familiar, Francisco solicitou redução do horário (9h-18h), aceite pela empresa, mas gerando pressão e comentários negativos de colegas e chefia. Quando a filha nasceu, Francisco gozou 25 dias úteis de licença parental, enquanto a esposa usufruiu seis meses, decisão motivada pelo seu salário mais elevado e pela falta de rede de apoio. Lamenta não ter passado mais tempo com a filha.

A licença parental e a entrada na creche

"Eu usei apenas os 25 dias. Portanto, eram os 10, os 15 iniciais, mais 10 suplementares. Usei logo tudo junto. E a minha esposa é que usufruiu depois dos restantes meses da licença parental."

"O meu salário era um bocadinho superior e também para ela tomar mais conta da menina. Foi mesmo por uma questão financeira e também pela agilidade para estar com a bebé."

"Só consegui creche aos três anos. [...] Mas tivemos dois anos sem a conseguir colocar nalgum sítio para ficar com ela durante o dia. Tivemos que colocar num privado porque no público não tivemos vaga. Na altura estávamos a pagar cerca de 165 euros por mês. [...] Foi [um custo] grande."

A rede de apoio

"Neste momento não vivemos com família cá. Portanto, não temos com quem deixar a bebé, então tivemos que tomar essa decisão. Não tivemos alternativa, não temos família próxima, e a nível também de amas e creches, é complicado. (...) a mãe [avó materna da criança] consegue algumas vezes vir cá, quando é necessário, não sempre, porque também trabalha."

Cuidados parentais e conciliação

“Neste momento estou com um horário das nove às dezoito. Tenho um horário reduzido para acompanhar um pouco mais a minha filha (...) Às vezes chegava a casa e a minha filha já queria ir para a cama dormir. Acordava, estava a dormir. Praticamente não tinha contacto com ela. (...) Nós, como motoristas, temos uma amplitude de horário que pode ir até 12 a 15 horas.”

“Os colegas a dizerem que ‘os pais hoje em dia querem fazer o papel das mães’. (...) acabaram por dizer-me, que se fosse mulher já me tinham mandado embora, já tinha sido despedido. Porque um mês ainda aguentam, agora seis meses já não dava para aguentar. Isso foi mesmo dito pela chefia direta.”

Reflexões finais

- A parentalidade continua a ser pouco valorizada socialmente, persistindo a percepção de que ter filhos pode significar risco de perda de emprego ou assédio moral, como forma de dissuadir o trabalhador/a de exercer os seus direitos.
- A cultura organizacional ignora os direitos parentais; as normas legais existem, mas a sua implementação nem sempre é cumprida.
- Persiste o receio de represálias quando mães e pais procuram exercer os seus direitos parentais.
- A ausência de redes de apoio agrava as dificuldades na conciliação entre vida profissional e familiar.
- Os pais em situação precária são os primeiros a abdicar das licenças parentais, por perdas salariais e insegurança na carreira.
- As mulheres continuam a ser as mais prejudicadas. Além disso, ser mulher, precária e mãe solo representa uma condição de múltipla vulnerabilidade.
- As crianças são também afetadas: entrada precoce em creches, soluções de guarda inadequadas e ausência de cuidados quando adoecem

3 de Novembro
Auditório Orlando Monteiro
Instituto Nacional para a
Reabilitação

Conferência final

Projeto CareChild

Licenças Parentais, Desigualdades Sociais e
Bem-Estar Infantil

